

**RELAÇÕES DE PODER, SABER E SUBJETIVIDADES EM REDES
INTERORGANIZACIONAIS: REFLEXÃO A LUZ DO PÓS-ESTRUTURALISMO
FOUCAULTIANO**

CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
cesarlacerda.adm@hotmail.com

SANDRA MARIA ARAÚJO DE SOUZA
UEPB
sandra.adm@hotmail.com

MANUELLA MARIA DE LYRA ALCÂNTARA CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
manuellalyra@gmail.com

DANIEL LUCAS MARTINS PORTELA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
danielucas10@hotmail.com

KELLY MARIA PAZ E SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
kellyufpe@gmail.com

**RELAÇÕES DE PODER, SABER E SUBJETIVIDADES EM REDES
INTERORGANIZACIONAIS: REFLEXÃO A LUZ DO PÓS-ESTRUTURALISMO
FOUCAULTIANO**

RESUMO: Este ensaio tem o objetivo de propor uma reflexão teórica a cerca do objeto redes interorganizacionais, tendo alicerce principal o pós-estruturalismo foucaultiano a partir das relações de poder, saber e subjetividades. Para isso, foi abordado inicialmente uma descrição sobre redes interorganizacionais a partir dos seus conceitos, abordagens e tipologias. Posteriormente, foi realizada uma discussão dos conceitos abordados pela teoria pós-estruturalista foucaultiana, para assim, construir um debate a cerca das relações entre o objeto de estudo (redes) sob a lente teórica estabelecida. Pode-se visualizar uma linha de costura representada pelo poder, que permeia as relações a partir de interações entre o relacionamento dos atores sociais, isso significa que o contexto de redes propõe refletir a relação entre dois atores; a relação do ator com o grupo e a relação entre todos os atores a partir das relações de poder.

Palavras-chave: Redes interorganizacionais. Poder. Foucault.

ABSTRACT: This paper aims to propose a theoretical reflection about the object interorganizational networks, with main foundation Foucault's post-structuralism from the relations of power, knowledge and subjectivity. For this, it initially approached a description of interorganizational networks from their concepts, approaches and typologies. It was later held a discussion of the concepts addressed by Foucault's poststructuralist theory, so as to build a debate about the relationship between the object of study (networks) under the established theoretical lens. We can view a sewing line represented by the power that permeates relations from interactions between the relationship of social actors, it means that the context of networks proposes to reflect the relationship between the actors; the actor's relationship with the group and the relationship between all the actors from the power relations.

Keywords: Interorganizational networks. Power. Foucault.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos que discutem o contexto de redes interorganizacionais em administração se apresentam meramente como gerencialistas, a fim de trazer contribuições apenas a cerca dos ganhos competitivos desses formatos organizacionais. A maioria dos trabalhos se pauta em discutir como a cooperação e a confiança são elementos importantes para alavancar o desenvolvimento das empresas que atuam em redes, entretanto a questão do poder nesses estudos não é muito discutido, e essa discussão se torna relevante tendo em vista as diversas relações que se dá nesse espaço a partir das interações sociais (SATYRO, TELLES e GIGLIO, 2014).

Com o advento da globalização e os novos meios de comunicação a atuação em redes se mostra como uma estratégia significativa no que diz respeito à redução de custos e compartilhamento de informações. Compreender algumas relações neste contexto é conhecer um pouco desse universo e suas interações no contexto onde atua. Desse modo, um campo de estudo relativamente extenso e abrangente abriu-se para a pesquisa de redes interorganizacionais como sistemas de cooperação e confiança, ficando o poder em segundo plano, com poucos estudos comparativamente (GIGLIO; PUGLIESE; SILVA, 2012).

O poder e suas interações é algo estudado também a partir das contribuições do filósofo e historiador Michel Foucault, onde ele apresenta um conceito baseado em relações recíprocas e bilaterais, ou seja, sem uma origem. A corrente pós-estruturalista de Foucault é marcada por argumentos baseados numa série de estudos históricos e suas obras refletem preocupações a cerca de conceitos que envolvem a sociedade como um todo. Existem na literatura autores que discutem os conceitos de poder em redes em diversos âmbitos, como por exemplo, o poder como um fim coletivo e como trocas coletivas. Este ensaio faz uma discussão do poder como exercício, isto é, associado às relações e isso se encaixa nas características da atuação desses formatos organizacionais: as redes.

Redes, relações de poder, saber e subjetividades podem parecer conceitos espaçados, mas a luz do pós-estruturalismo há inúmeras ligações entre eles. Essas ligações são abordadas neste ensaio como forma de reflexão a cerca da temática, então não se pretende aqui apresentar conceitos fechados e sim uma possibilidade de pensar as ligações entre redes no pós-estruturalismo de Foucault.

Nesse sentido, este ensaio tem o objetivo de propor uma reflexão teórica a cerca do objeto redes interorganizacionais tendo alicerce principal o pós-estruturalismo foucaultiano a partir das relações de poder, saber e subjetividades. Para isso, o ensaio se estruturou da seguinte forma: primeiro esta introdutória, onde se buscou fazer uma breve contextualização, apresentando o objeto de estudo (redes - *clusters*) e considerações a cerca do pós-estruturalismo em Foucault. Depois é apresentado o objeto de estudo, suas abordagens e tipologia, em seguida é apresentada a descrição do formato em redes: os *clusters*. A metodologia abordada neste trabalho é uma revisão da bibliografia sobre a temática, discutindo e relacionando as ideias dos teóricos.

Posteriormente, é apresentada uma discussão sob a lente teórica do pós-estruturalismo e Foucault: Poder, saber e subjetividades. Em seguida é apresentada a sessão “Redes interorganizacionais e Foucault: Possível debate?” com o objetivo de refletir e discutir sobre as relações propostas neste ensaio, onde os autores fazem uma relação entre o objeto e a teoria, sendo possível a realização, por fim, as considerações finais do trabalho.

2. REDES INTERORGANIZACIONAIS: CONCEITOS, ABORDAGENS E TIPOLOGIAS

O conceito de redes se mostra abrangente pela literatura, pois pertence a um vasto campo de conhecimento. Nos estudos organizacionais tem sido objeto de amplas discussões. Para Nohria e Eccles (1992) existem três principais razões para o aumento do interesse no tema redes no âmbito organizacional: a) a emergência da “nova competição” como está ocorrendo nos distritos indústrias italianos e no Vale do Silício. Se o “velho” modelo de organização era a grande firma hierárquica, o modelo da organização considerada característica da “nova competição” é a rede de inter-relações laterais intra e interfirmas; b) o surgimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) tem tornado possível uma maior capacidade de inter-relações entre firmas dispersas; e, c) a consolidação da análise de

redes como uma disciplina acadêmica, não somente restrita a alguns grupos de sociólogos, mas expandido para uma ampla interdisciplinaridade dos estudos organizacionais.

Desse modo, pode-se dizer que, em um sentido topológico uma rede é caracterizada por suas conexões, seus pontos de convergência e bifurcação. Sendo, portanto, uma lógica de conexões, e não de superfícies, definidas por seus agenciamentos internos e não por seus limites externos. Assim, uma rede é uma totalidade aberta capaz de crescer em todos os lados e direções, sendo seu único elemento constitutivo o nó (MORAES, 2000).

A maior parte dos autores utiliza o conceito de redes interorganizacionais similar ao conceito destacado por Balestrin e Vargas (2002), como significando um conjunto de organizações inter-relacionadas. Assim, corroborando com o pensamento de Balestrin e Vargas o conceito se pauta em relações recíprocas de confiança e compartilhamento como destaca o autor:

As redes de negócios interorganizacionais representam uma forma particular de organização ou administração das trocas de relacionamentos entre as organizações. Mesmo que as redes de negócios possam tomar diferentes formas, todas estas formas são caracterizadas por trocas de relacionamento contínuas entre um limitado número de organizações que mantém um controle sobre os seus recursos individuais, e que decide periodicamente sobre o compartilhamento destes recursos (EBERS, 2002, p.4).

Assim, observa-se que o termo rede pode designar um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente de modo que haja entre os participantes dessa rede a existência de dois elementos que permitam a continuação da mesma: interação, compartilhamento e integração dos seus membros, de maneira que os levem a trocas de informações que favoreçam um maior e melhor desempenho das organizações participantes da rede. Verschoore e Balestrin (2008 p. 1045), por exemplo, afirmam que essa “ideia de cooperação em rede está em processo de consolidação na sociedade contemporânea”. E isso demonstra o contexto em que esses formatos organizacionais estão inseridos. Dessa forma, é notória a diversidade de conceitos e aplicações de redes, pois como se observa o termo possui uma grande complexidade, de modo a ser transformado conforme o contexto em que está sendo utilizado.

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se dizer que quando os autores da literatura do decorrente assunto estudam a perspectiva de Redes e a sua utilização, como um caminho para o estudo das organizações, apontam as organizações como redes sociais devendo ser analisadas como tais. Sendo que uma rede social pode ser entendida como algo que se relaciona com um conjunto de pessoas, organizações, entre outros, que estão ligadas por meio de um conjunto de relações sociais de um tipo específico.

O contexto em que estão inseridas justifica o formato na atuação em redes. A grande complexidade do mercado em que estão inseridas as micro, pequenas e médias empresas gera uma crescente competitividade que exige das mesmas uma capacidade de inovar e adaptar-se as novas exigências do mercado, bem como as novas formas de gestão empresarial. Essa competitividade fez com que a atuação isolada das micro, pequenas e médias empresas seja insuficiente e incapaz de mantê-las firmes no mercado, assim uma solução encontrada pelas mesmas foi à atuação em redes.

Dada à importância que as redes interorganizacionais têm adquirido na formação de vantagens competitivas que podem emergir dessas relações, estão sendo desenvolvidas tipologias na tentativa de que seja apreendida a diversidade institucional presente nessas redes. Nesse sentido, são apresentadas no Quadro 01 a seguir algumas dessas tipologias:

Quadro 01 – Resumo de tipologias de redes

TIPOLOGIAS DE REDES	
Autores	Tipologias
Garofolli (1993)	<p>Sistemas de produção em grande escala (Redes verticais) – aglomeração espacial de unidades com presença de vínculos fortemente hierarquizados.</p> <p>Sistemas de pequenas empresas (Distritos industriais) – pequenas empresas concentradas geograficamente com a presença de práticas de cooperação bidirecionais.</p> <p>Produção descentralizada com presença de empresa dominante – unidades dispersas espacialmente onde, no entanto, existe a presença de vínculos sólidos de dependência hierárquica em relação à empresa responsável pela montagem de componentes.</p> <p>Acordos cooperativos baseados em alianças estratégicas – colaboração entre agentes dispersos espacialmente, onde são estabelecidas práticas cooperativas não hierarquizadas baseada no intercâmbio de informações e na reciprocidade.</p>
Markusen (1994)	<p>Distritos marshallianos tradicionais – redes baseadas na especialização funcional de agentes atuantes em determinada região, nas quais se destaca a presença de empresas de pequeno e médio porte.</p> <p>Distrito do tipo centro radial – redes espacialmente localizadas cujas atividades são articuladas em torno de uma ou várias grandes empresas atuantes em determinado setor.</p> <p>Plataformas industriais satélites – redes ancoradas na presença de subdivisões ou sucursais de empresas multinacionais atraídas por recursos locais específicos.</p> <p>Distritos suportados pelo estado – redes estruturadas a partir da ação de agências governamentais ou empresas estatais que buscam subsidiar o desenvolvimento econômico regional.</p>
Casarotto e Pires (1998) com base em Porter (1986)	<p>Redes topdown - caracterizam-se pelas empresas de menor porte fornecem direta e indiretamente sua produção a uma empresa-mãe, através de subcontratações, terceirizações, parcerias e outras formas de repasse de produção;</p> <p>Redes flexíveis como grupos de pequenas empresas que se unem por um consórcio com objetivos amplos ou mais restritos, que simulam a administração de uma grande empresa, porém com maior flexibilidade e agregação de valor.</p>
Maillat e Kebir (1999)	<p>Redes de aprendizado viabilizadas pela troca de informações e conhecimentos;</p> <p>Redes de troca restrita ao processo de produção e de comercialização.</p>
Julien (2000)	<p>Redes informacionais - compreendem os diferentes contatos pessoais e institucionais com os quais o empreendedor troca informações e conhecimentos;</p> <p>Redes pessoais – consiste nas relações familiares e de amizade estabelecidas pelo empreendedor;</p> <p>Redes institucionais - comportam as relações da empresas com órgãos governamentais, ONGs e instituições acadêmicas;</p> <p>Redes de negócios - constituídas com fins comerciais.</p>

Fonte: Adaptado de Brito, (2002).

Pode-se perceber que existe na literatura uma diversidade de tipologias de redes que tentam identificar os tipos de relações que são estabelecidas em seu interior e a configuração institucional adotada em cada uma delas. Também é importante perceber que as redes englobam vários outros formatos e são classificadas de formas diferentes de acordo com cada autor. Existem na literatura terminologias diferenciadas quando se trata de Redes. Porter

(1999) denominou de *clusters*, para Brusco (1982) são denominadas Distritos Industriais, para Marshall (1985) Aglomerações Industriais Localizadas.

Já para Suzigan (2006), e algumas instituições como: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e a Rede de Pesquisa em Sistemas e Arranjos Produtivos e Inovativos Locais (RedeSist), essas aglomerações de empresas são denominadas de Arranjos Produtivos Locais – APLs. Esses novos formatos organizacionais surgem para viabilizar uma melhor resposta das organizações, principalmente as de pequeno e médio porte, à complexidade do ambiente organizacional. Dessa forma, esses formatos organizacionais assumem um papel significativo no que diz respeito sua própria sobrevivência na era da globalização, uma vez que a cooperação se mostra como resposta para enfrentar os desafios de um mercado altamente competitivo.

3. FORMATOS EM REDES: *CLUSTERS* DE NEGÓCIOS

Como foi mencionado na sessão anterior existem alguns formatos de redes, e nesse caso, os *clusters* se apresentam como um desses formatos onde empresas se aglomeram para conseguir vantagem competitiva. O primeiro a discutir as razões pelas quais certas atividades, em particular, as industriais, tendem a aglomerar-se foi Marshall (1985), este constatou que as vantagens da produção em escala operam de forma mais eficiente a partir da integração de empresas concentradas num espaço geográfico específico.

Para Marshall (*op. cit.*), estas vantagens de proximidade podem ser explicadas por quatro razões principais: a) a divisão de tarefas não existe apenas no seio de uma empresa, mas entre as empresas. A proximidade dos locais de produção não apenas diminui os custos de transporte, mas também facilita a circulação da informação; b) o contato permanente entre os empreendedores torna mais fluido e menos custosa a troca de informações sobre o estado do mercado; c) criação de uma atmosfera industrial, favorável à criação e à difusão de novos saberes profissionais; d) a proximidade de várias empresas favorece a inovação (processos coletivos de inovação através da circulação de informação).

Segundo Porter (1999, p.211) um *cluster* "é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares". Podendo esses aglomerados, segundo o referido autor, assumir formas e estágios de evolução diferenciados, dependendo de sua profundidade e sofisticação.

Existem algumas teorias e pesquisas que abordam o tema *clusters* como esses aglomerados concentrados geograficamente. O conceito defendido por Zaccarelli *et al* (2008) aborda além da proximidade geográfica, também a inter-relação dos negócios. Esses formatos organizacionais surgem para demonstrar uma boa resposta das empresas, principalmente as de pequeno e médio porte, à multiplicidade do ambiente organizacional. Assim, essas estruturas englobam vários atores sociais que dependem de laços interligados significativamente importantes para a questão da competição, desde fornecedores de insumos, passando pelas máquinas, serviços e até a infraestrutura.

Nesses formatos também existem as parcerias com outros atores que promovem ações voltadas a melhoria do aglomerado como uma rede de laços conectados, essas parcerias criam interações sociais e relações de poder. No quadro 02 a seguir, é possível observar o mapeamento dos atores envolvidos num *cluster* de confecções situado do agreste pernambucano e as possíveis interações sociais entre eles.

Quadro 02: Mapeamento dos atores e as interações

ATORES	IDENTIFICAÇÃO	FORMAS DE INTERAÇÃO
Sindicatos, Cooperativas, Associações e Federações.	Sindicato dos oficiais alfaiates, costureiras e trabalhadores na indústria de confecção de roupas do estado de Pernambuco; SINDIVEST-PE; CDL (Clube de Dirigentes Lojistas); Acic/Ascap.	Difusão de informações tecnológicas e mercadológicas; apoio legal e institucional, promoção de cursos e eventos técnicos e comerciais, feiras, articulação política e planejamento estratégico, etc.
Centro Tecnológico e Acadêmico	Itep (Instituto Tecnológico de PE); Centro Tecnológico da Moda; Faculdades de Moda.	Pesquisa aspectos ligados a “design”, modelagem, produção e qualidade, concentrando-se em produtos do <i>jeans</i> , englobando roupas, acessórios e decoração.
Órgãos Públicos	CINEP, SEBRAE, SENAI, SINE, SESI, IEL, Secretaria Municipal da Indústria e Comércio.	Financiamento de cursos para treinamento empresarial e de mão de obra, apoio ao desenvolvimento de capacitação tecnológica, projetos inovativos, treinamento de mão de obra etc.
Atores Políticos	Governos estadual e municipal, agrupamentos políticos locais.	Elaboração e implementação de programas e Políticas Públicas, articulação interinstitucional entre esferas de poder, mobilização de recursos humanos, econômicos e financeiros.
Agentes Financeiros	Banco do Brasil (BB); Caixa Econômica Federal (CEF).	Financiamento de capital de giro, empréstimos para investimentos em capital físico, microcrédito.

Fonte: Lacerda, *et al.* 2014.

A observação do quadro infere que nesse contexto existem diversas interações e conseqüentemente, relações de poder. Assim, se percebe como esses atores se unem e mantêm também características individuais a fim de atingir seus objetivos gerenciais. De acordo com Firjam e Ferraz (2011) apesar da capacidade potencial de geração de valor agregado, o segmento de confecções depara-se com problemas como a elevada informalidade e baixa qualificação técnica e gerencial, o que impacta negativamente na competitividade de seus produtos. Essa questão é bastante observada no polo de confecções onde muitas vezes a questão do controle é dificultada justamente por essa informalidade.

4. PÓS-ESTRUTURALISMO E FOUCAULT: PODER, SABER E SUBJETIVIDADES

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo, historiador e crítico social. Suas abordagens discutem a relação entre poder e saber a partir do controle social no âmbito das instituições que ele pesquisou. Seu pós-estruturalismo é marcado por estudos históricos, buscando o modo como é escrita a história. Ele publicou suas obras buscando refletir sobre sua nova filosofia da história a partir de discussões baseadas em seus escritos: *História da loucura* (1961), *Nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966), *A arqueologia do saber* (1969), *Vigiar e punir* (1975) e os três volumes de *A história da sexualidade* (1976,

1984, 1984). Essas abordagens refletem a influência de Foucault no pós-estruturalismo (WILLIAMS, 2012).

Sua trajetória teórica foi baseada em dois ciclos interligados: a arqueologia e a genealogia. O primeiro se refere a um método que busca compreender os modos de ser de um discurso, ou seja, a interação dos saberes com a estrutura social e como esses saberes surgem e se modificam. O segundo seria compreender o porquê do aparecimento desses saberes e abrange as várias esferas sociais. Nesse ciclo, o poder e o saber se reforçam reciprocamente e a construção do sujeito (COSTA, GUERRA e LEÃO, 2013).

A questão do poder em Foucault é percebida em suas pesquisas nas instituições, como por exemplo, nos hospitais e prisões. Ele debruça suas preocupações com o poder e saber através do que ele chama de “aparelhos”. Um aparelho é uma estrutura de elementos heterogêneos, como os discursos, leis e instituições (SARUP, 1993). Percebe-se que o poder apontado por ele não está localizado em nenhum lugar da estrutura, ou seja, se usa o poder em alguma situação, ele é exercido como uma prática, é produtivo, está sempre em fluxo, está nos discursos e tem papel disciplinador, logo é necessário (SOUZA, 2011).

Para Foucault (1995) toda a estrutura social é marcada por inúmeras relações de poder, que não se situa em um único aparelho como o Estado, mas que estão em toda teia social e que conseqüentemente permeia as práticas cotidianas. Para o filósofo-historiador não se interessa a criação de um novo conceito de poder e sim perceber como uma prática social e como ele é constituído como um exercício ao longo da história. Para ele, o poder não existe.

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder (FOUCAULT, 1984, p. 248).

Percebe-se que o conceito de poder abordado pelo autor está sempre em fluxo, ou seja, ele se dá a partir das relações sociais e os discursos produzidos em dada sociedade. Ainda segundo Foucault (2001, p. 1180 *apud* REIS MARINHO, 2009, p. 5): o poder se apresenta como algo “enigmático, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e escondido, investido por toda a parte”. Essa passagem demonstra seu argumento sobre o conceito de poder pautado nas relações sociais como algo não personificado, e sim perpassando essas relações.

Nesse contexto, se percebe também o conceito de sujeito, este com suas subjetividades. O poder nesse caso, estaria baseado nos discursos advindos dos sujeitos. Um sujeito desfragmentado e desnaturalizado a partir de uma construção histórica. “Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos”. (Foucault, in: Rabinow & Dreyfus, 1995, p. 231). Assim, sua filosofia permeia os conceitos de forma descontínua, produtos de não uma história, mas de muitas genealogias a partir de uma construção crítica e histórica.

Dessa forma, o sujeito é compreendido como um produto das relações de saber e poder, já por outro lado ele é formado a partir de relações intersubjetivas onde existe a liberdade que possibilita a manifestação de um sujeito autônomo. Ou seja, um sujeito ativo e passivo ao mesmo tempo (CASTANHEIRA e CORREIA, 2011). Portanto, lançam-se as bases para a discussão sobre os aspectos relacionados às redes interorganizacionais,

problematizando um possível debate com os conceitos discutidos em Foucault. Com essa discussão, determina-se condições para uma reflexão a cerca da teoria organizacional.

5. REDES INTERORGANIZACIONAIS E FOUCAULT: POSSÍVEL DEBATE?

Depois de apresentar algumas considerações sobre os conceitos de redes interorganizacionais e uma discussão em torno do pós-estruturalismo a partir de Foucault, essa sessão se debruça em refletir sobre as possíveis relações entre o objeto redes e a teoria em Foucault. Os *clusters* emergem dessa discussão como sendo relevante para se compreender as relações sociais a partir da proximidade geográfica, ou seja, esse formato permite refletir sobre o poder nesse espaço de proximidade, compreendendo essas relações ditas como próximas.

Os conceitos sobre redes discutidos anteriormente apresentam características gerenciais que implicam inferências na abordagem de Foucault sobre a questão do poder, do saber e do próprio indivíduo, uma vez que, essas questões estão interligadas e fazem parte da construção do debate. Intencionalmente se reflete como se dá essas relações num espaço geográfico de empresas que interagem diariamente de forma a promover a cooperação, a confiança e dentre inúmeras características desse formato organizacional.

A partir do que foi exposto sobre as redes, percebe-se processos de interdependências entre os atores envolvidos nas redes. Através do mapeamento dos atores e relações se percebe o número de parceiros envolvidos nessa relação que seriam os dispositivos (conceito discutido por Foucault). As diversas relações promovem a formação de posições diferenciadas que ao mesmo tempo precisam manter seu objetivo individual e os anseios coletivos a partir das interações em redes. Como foi apresentado no quadro 02 sobre o mapeamento dos atores e suas interações sociais é possível inferir que como não existe um líder institucionalizado, essas empresas precisam se coordenar de forma a se ajudarem através de mecanismos de controle, ou seja, o poder como um exercício como apresenta Foucault (SEIXAS, 2011).

O poder nas empresas que atuam nesse formato se apresenta como descentralizado por não aparecer a figura de um líder. Muitas vezes existe sim um gestor que coordena as atividades, entretanto, precisa-se de uma certa articulação porque em cada empresa individual também existe a figura de um gestor. Dessa forma, o poder se descentraliza a partir dos sujeitos e perpassam a atuação individual de cada organização, estabelecendo assim, novas interações sociais de forma não hierarquizada, ou seja, um poder interorganizacional.

Esse poder interorganizacional se pauta em um balanceamento no que diz respeito ao nível de relacionamento entre um ator e outro, ou seja, percebe-se a partir das relações sociais um poder exercido de forma mais enfática pela dependência de um recurso mais específico que outro. O tipo de relacionamento é importante porque ele vai mostrar o nível de dependência entre uma organização e outra, demonstrando como o poder atua nesse tipo de relacionamento.

Ainda vale salientar que dentro desse possível debate existem questões como o porte das organizações que fazem parte da rede. Empresas de maiores portes terminam influenciando as empresas de menor porte, ou seja, começam as articulações em torno de objetivos individuais. Essa relação para Foucault permite refletir que os jogos de poder é observado em ambas as organizações, só que em escalas e prioridades diferentes, pois o tipo de relacionamento é que vai indicar o exercício do poder independente do porte organizacional (REZENDE, 2012). Compreender essas relações é pensar o conceito de poder em Foucault a partir de um exercício entre as relações envolvidas nessas interações. A

rivalidade entre as organizações parceiras é algo também percebido nesse relacionamento, algo inerente ao poder.

A questão do oportunismo e rivalidades se apresenta nesse envolvimento mostrando que as estratégias se pautam muitas vezes de modo individual, e assim, os acordos entre as firmas se mostram como verdadeiros exercícios de poder para estabilizar essas interações. Os acordos, reuniões e assembléias são um meio de controlar as ações através de regras e enunciados que determinam o comportamento das empresas que fazem parte da rede, determinam também as relações entre as associações e entidades que servem pra fomentar o desenvolvimento da rede.

Assim, o dispositivo acordo é a base de formalização dessas parcerias como uma forma de controle e exercício de poder, ou seja, ocorre associado as relações, independente da legitimidade. Também vale ressaltar que muitas dessas parcerias não obtêm acordos formais, então o poder é exercido, de forma que ninguém consegue identificar os seus executores. Cria-se, dessa forma, um controle psicológico em que os indivíduos se fiscalizam e estabelecem suas relações, algo identificado no panóptico em Foucault baseado no controle social.

Para estabelecer de forma resumida uma melhor relação entre a discussão do poder em Foucault e as redes interorganizacionais, foi organizado um quadro de reflexão e relações sobre algumas abordagens discutidas até agora neste trabalho. A seguir é apresentado o quadro 03 para se pensar um debate a cerca da temática abordada neste ensaio.

Quadro 03: Possíveis debates

ABORDAGENS FOUCAULTIANAS	CONCEITOS EM REDES
Teia	Redes - nós
Panóptico	Auto-controle / empresas informais / controle social
Saberes	Modificações a partir de várias relações
Subjetividades	Sujeitos múltiplos
Dispositivo	Atores sociais
Jogos de poder	Relações entre firmas / acordos
Assimetrias	Conflitos de interesses

Fonte: Os autores, 2015.

Os conceitos abordados no quadro estabelecem uma reflexão a cerca da proposta deste ensaio a fim de relacionar um possível debate temático entre as abordagens aqui consideradas. Uma observação relevante se pauta no conceito de teia em Foucault como um conjunto de relações e o de poder em redes como também um conjunto de interações sociais e o poder costurando essas relações. Dessa forma, essa “costura” a partir do poder é simbolizado como uma interação de forças que circula é uma teia de poderes que navega os sujeitos. Estes que ao mesmo tempo possuem o poder e recebe influencia de sua ação.

Outro aspecto a ser observado seria uma crítica em torno das redes a partir de suas próprias características: cooperação, confiança, redução de custos e dentre outras. Uma forma de pensar a descontinuidade a partir dessas características seria a possibilidade de problematizar até que ponto as questões de cooperação e confiança são legitimadas para reduzir esses custos e ganhar vantagem competitiva? Pensar a descontinuidade em Foucault é refletir as relações ditas como vantagens e fatos, procurando descobrir as fissuras.

Outra observação seria a partir de uma crítica da atuação dessas empresas a fim de ganhar espaço na sociedade, ou seja, uma atuação gerencialista que muitas vezes se propõe apenas em ganhar força no mercado, ignorando aspectos sociais. Os conceitos que permeiam

o pensamento de Foucault se mostram presentes nesse contexto onde atuam as empresas inseridas na rede, as associações, as instituições, o Estado e os diversos atores. A linha de costura representada pelo poder permeia essas relações a partir das interações entre o relacionamento dos atores sociais, isso significa que o contexto desse formato organizacional propõe refletir a relação entre dois atores; a relação do ator com o grupo e a relação entre todos os atores.

6. CONCLUSÃO

Este ensaio teve como objetivo propor uma reflexão teórica a cerca do objeto redes interorganizacionais tendo alicerce principal o pós-estruturalismo foucaultiano a partir das relações de poder, saber e subjetividades. As discussões que envolvem o tema sobre redes envolvem um poder baseado em relações entre seus atores envolvidos, então os conceitos de poder observados em Foucault se encaixam nesse contexto de processo social organizacional. O resultado dessa construção foi estabelecida na sessão anterior, onde se pretendeu fazer uma reflexão entre o objeto e a teoria foucaultiana.

Esse debate é uma construção tendo em vista que o tema poder ainda precisa ser explorado nas empresas que fazem parte desse formato organizacional. A partir dos conceitos abordados, foi elaborado um quadro na tentativa de especificar como estaria pautada essa relação entre algumas abordagens foucaultianas e os conceitos em redes. A discussão foi iniciada pelo conceito de **teia** em Foucault, fazendo uma relação com o próprio conceito de **redes**, ou seja, uma rede de relacionamento baseada em relações sociais e conseqüentemente, relações de poder e seus **nós**.

A questão do **panóptico** que nas relações em redes se apresentam o poder como um exercício de forma que ninguém consegue identificar os seus executores para o **controle social**. Cria-se, dessa forma, um controle psicológico em que os indivíduos se **autocontrolam** e utilizam o poder como disciplina. O saber discutido em Foucault como um processo de **modificação a partir das várias relações** estabelecidas entre as instituições e associações pelo processo de aprendizagem, compreendendo a articulação dos saberes com a estrutura social e institucional. A apresentação de **múltiplos sujeitos** também é perceptível tendo em vista suas **subjetividades** e as relações que surgem no contexto atual. Nesse sentido, se questiona um sujeito concreto a partir do estabelecimento dos nós (características das redes).

Nesse contexto também se percebe a interferência do conceito de **dispositivo** em Foucault no envolvimento dos diversos **atores sociais**: discursos, instituições, ou seja, elementos dispositivos e numa rede como elementos compostos se articulando. Além dos **jogos de poder** a partir das relações nos **acordos**, reuniões e assembleias, tendo em vista as **assimetrias** a partir dos **conflitos de interesse**. Toda essa discussão faz reflexões a cerca da rede como uma grande ferramenta de poder baseada em suas relações, indo muito mais além, fazendo contrapontos com a própria dinâmica das redes, criando um conhecimento crítico nos estudos em Administração.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, A.; VARGAS, L. M. **Evidências teóricas para a compreensão das redes interorganizacionais**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2., 2002, Recife. Anais... Recife: Observatório da Realidade Organizacional: PROPAD/UFPE: ANPAD, 2002. 1 CD-ROM.

BRITTO, J. **Cooperação interindustrial e redes de empresas**. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. *Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRUSCO, S. **The Emilian model**. *Cambridge Journal of Economics*. Vol6, pp 167-184, 1982.

CASTANHEIRA, M. A. A. F.; CORREIA, A. **A constituição do sujeito em Michel Foucault: práticas de sujeição e práticas de subjetivação**. VIII Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão –Conpeex,2011

COSTA, F. Z. N.; GUERRA, J. R. G.; LEÃO, A. L. M. S. **O Solo Epistemológico de Michel Foucault: Possibilidades de Pesquisa no Campo da Administração**. *Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC)*, v. 15, n. 35, p. 168-179, 2013.

EBERS, M. **The formation of inter-organizational networks**. New York: Oxford University Press, 1. reimp., 2002.

FIRJAM, A. A.; FERRAZ, F. T. **Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG**. 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4 ed. 1984.

_____. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **“L’herméneutique Du sujet cours au Collège de France**. Paris. Gallimard, 2001. In: REIS MARINHO, Ernandes. *AS RELAÇÕES DE PODER SEGUNDO MICHEL FOUCAULT*. *E-Revista Facitec*, v. 1, n. 4, 2009.

GIGLIO, E. M.; PUGLIESE, L. R.; SILVA, R. M. **Análise dos conceitos de poder nos artigos brasileiros sobre redes**. *Revista de Administração da UNIMEP*. v.10, n.3, set/out, 2012.

LACERDA, C. C. O.; GONCALVES, G. A. C.; LIRA, W. S.; SOUZA, S. M. A. **Efeitos da competitividade no cluster de confecções do agreste pernambucano: um estudo focalizado no município de Toritama-PE**. In: XVII SemeAd-Seminários em Administração FEA-USP, 2014.

MARSHALL, A. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MORAES, M. O. **O conceito de rede na filosofia mestiça**. *Revista Informare*, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000.

NOHRIA, N.; ECCLES, R. **Networks and Organizations**. Boston: Harvard Business School Press, 1992.

PORTER, M. **Competição on competition**: estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica** (V. P. Carrero, trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

REZENDE, O. **Perspectiva Estática e Dinâmica das Relações entre Estratégia e Poder nas Redes de Cooperação Empresarial**. In: XXXVI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2012.

SARUP, M. **Na introductory guide to post-structuralism and postmodernism**. 2.ed. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.

SATYRO, W. C., TELLES, R., & GIGLIO, E. M. **Proposta de uma linha conceitual de poder em Estudos sobre Redes**. In: XVII SemeAd-Seminários em Administração FEA-USP, 2014.

SEIXAS, R. L. R. **A condição estratégica do exercício do poder em Michel Foucault**. Argumentos, v. 3, n. 5, 2011.

SOUZA, W. L. **Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault**. Revista Múltiplas Leituras, v. 4, 2, 2011.

SUZIGAN, W. **Identificação, mapeamento e caracterização estrutural de Arranjos produtivos locais no Brasil**. Campinas: IPEA/DISET, 2006.

VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. **Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação**. Revista de Administração Contemporânea, v. 12, n. 4, p. 1043-1069, out./dez. 2008.

WILLIAMS, J. **Pós-Estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZACCARELLI, S. B., TELLES, R., SIQUEIRA, J. P. L., BOAVENTURA, J. M. G., DONAIRE, D. **Clusters e redes de negócios: uma nova visão para a gestão dos negócios**. São Paulo: Atlas, 2008.